

# 12 CIDADES

TEMA DO DIA // CASO GALDINO

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 2003  
 Editor: Carlos Alexandre // carlos.alexandre@correioweb.com.br  
 Subeditores: André Garcia, Sibebe Negromonte e Valéria de Velasco  
 Coordenadora: Samanta Sallum  
 fax: 342-1185 e-mail: cidades@correioweb.com.br  
 Tels. 342-1180 • 342-1181



“ **PRECISAMOS DE MAIS APOIO NA AGRICULTURA, NO COMBATE ÀS PRAGAS E CONTRA OS PISTOLEIROS** ”

Marilene Jesus dos Santos, 38, cacique dos Pataxó Hã Hã Hãe e irmã de Galdino

**450**

famílias de índios pataxó Hã Hã Hãe moram na reserva de Caramuru Catarina Paraguassu, no extremo sul da Bahia. Cerca de 200 fazendeiros ocupam a região, rica na produção de cacau

## Aluta dos

A tribo do índio assassinado em Brasília cobra da Justiça uma segunda causa: a definição de uma reserva no sul da Bahia. Conflitos já mataram 18 líderes

# Pataxó

GUILHERME GOULART  
 ENVIADO ESPECIAL

**P**au Brasil (BA) — Quando ia pro mato pegar índio, ia com muita gente, com uns 40. De madrugada, chegavam e atacavam, prendendo os índios e colocando roupa neles. Quando punha roupa era a mesma coisa que amarrar, pois eles ficavam sem ação. Dava dó ver aqueles índios chegando sem saber nem andar com sapato

O relato de dona Tininha, filha de um pequeno agricultor, descreve o início dos conflitos entre fazendeiros e indígenas no extremo sul da Bahia. O ano é 1926. Passados 77 anos, a luta pela terra continua a fazer parte desse cenário de plantações de cacau e imensidão verde da Mata Atlântica.

Hoje, a região em disputa leva o nome de reserva indígena Caramuru Catarina Paraguassu, a 560 quilômetros de Salvador. Localizada entre os municípios de Pau Brasil, Camacã e Itaju do Colônia, a área de 54,1 mil hectares carrega histórias de sofrimento muito antes do assassinato do índio Galdino Jesus dos Santos — a família dele ainda mora na região.

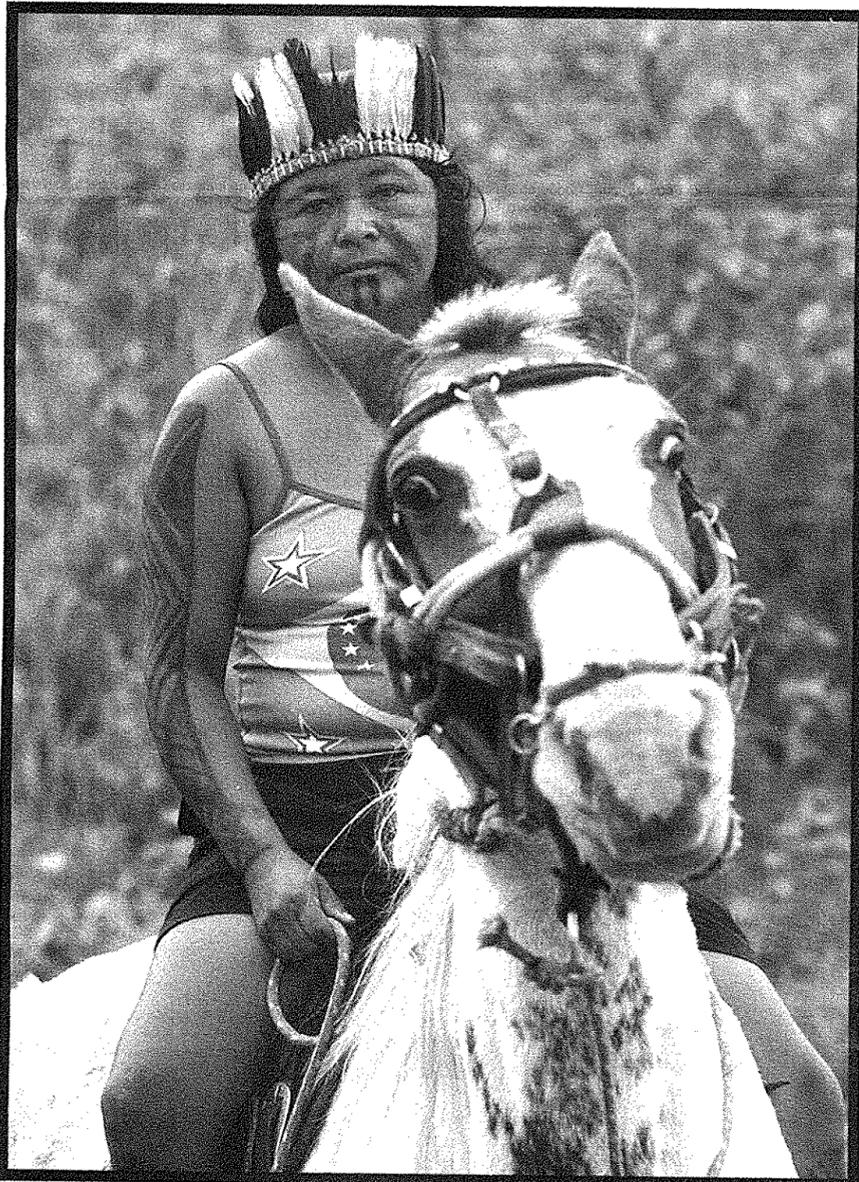
Ao lado do pai, Juvenal Rodrigues dos Santos, 68, Galdino estava na capital do país para cobrar do poder público agilidade no julgamento de ação movida há 21 anos pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Os índios pedem na Justiça a anulação dos títulos de propriedade concedidos aos fazendeiros nos anos 1920.

Desde o início da década de 1980, os Pataxó já retomaram 14,5 mil hectares da terra — 26,8% do total. A conquista, porém, resultou na morte de pelo menos 18 líderes, todos assassinados, segundo os órgãos de proteção ao índio, por pistoleiros (leia quadro). Até o fim do ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) deve julgar a ação.

“Se a decisão for favorável aos indígenas, os fazendeiros deverão usar suas milícias”, teme o vereador Agnaldo dos Santos (PT), primeiro índio a ocupar uma cadeira na assembleia de Pau Brasil. Só neste ano, foram registradas quatro tentativas de homicídio contra os índios. “A única defesa nossa é o sacrifício”, afirma o vereador, que já escapou de emboscadas e não mais circula sozinho na região.

O presidente do Sindicato Rural de Pau Brasil, Miguel Arcanjo Filho, reconhece a presença de pistoleiros. Mas prefere chamá-los de “seguranças particulares”. “Eles são medidas de segurança

Ronaldo de Oliveira



MARILENE JESUS, IRMÃ DE GALDINO E CACIQUE DOS PATAXÓ HÃ HÃ HÃE: MAIS APOIO DA FUNAI CONTRA PISTOLEIROS

adotadas contra as ocupações absurdas dos índios”, entende. Arcanjo defende que fazendeiros estabelecidos há mais de 50 anos na região tenham direito à terra. Mesmo assim, ele é a favor de uma solução pacífica.

### Histórias de ameaça

Histórias de ameaça são comuns em toda a reserva indígena. A pataxó Hilda Maria dos Santos, 69, prima de Galdino, denunciou ter sido expulsa de casa em Taquari, próximo à cidade de Camacã. Em maio deste ano, dois homens invadiram a pequena propriedade onde ela morava com os filhos. “Saímos todos correndo desespe-

rados. Acabei ficando para trás e um deles me acertou uma coronhada na cabeça”, lamenta a senhora. A marca na testa de Hilda permanece até hoje.

Antônio de Oliveira, coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) em Itabuna (BA), explica que o conflito ocorre em parte por causa da valorização das terras da região. Há dois anos, o comércio do cacau ganhou força no mercado internacional. O preço da arroba subiu de R\$ 26 para R\$ 150.

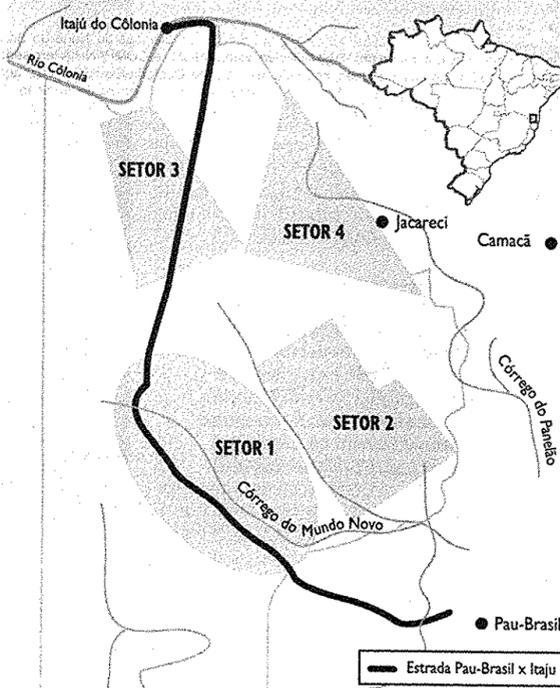
Na última quinta-feira, os Pataxó cobraram providências do administrador-executivo regional da Fundação Nacional de

Amparo ao Índio (Funai), Valdir Mesquita. “O senhor está muito devagar. Precisamos de mais apoio na agricultura, no combate às pragas e contra os pistoleiros”, afirmou Marilene Jesus dos Santos, 38, cacique dos Pataxó Hã Hã Hãe e irmã de Galdino.

Há apenas três meses no cargo, Valdir disse que a situação enfrentada pelos índios pode ser combatida com uma melhor aplicação de recursos da Funai na região. “O dinheiro destinado à comunidade não será mais entregue às lideranças. Tentaremos repassar diretamente para quem necessita”, explica.

### DISPUTA TERRITORIAL

A área de 54,1 hectares é disputada por índios e fazendeiros desde 1982 no sul da Bahia. Os pataxó conquistaram cerca de 26% da região de conflito, em quatro setores.



### MEMÓRIA

#### Cronologia do terror

Pelo menos 18 índios morreram enquanto ação movida pela Funai para a devolução da reserva Caramuru Catarina Paraguassu não é julgada. A luta judicial pela terras do extremo sul da Bahia começou em 1982.

Em 1983, o índio Antônio da Silva é assassinado com um tiro na cabeça por um pistoleiro;

Em 1986, uma emboscada deixa gravemente feridos os indígenas Antônio Xavier (10 tiros), Anivaldo Calixto, Enedito Vitor e Leonel Muniz;

Em novembro do mesmo ano, a aldeia São Lucas é invadida por pistoleiros. Jacinto Rodrigues, José Pereira e um bebê recém-nascido acabam mortos;

O índio Djalma Souza Lima é encontrado morto após ter sofrido um seqüestro. O corpo apresentava sinais de tortura. Unhas, dentes e couro cabeludo haviam sido arrancados. A vítima foi castrada e apresentava queimaduras;

Em dezembro de 1988, o líder Pataxó, João Cravim, irmão de Galdino Jesus dos Santos, assassinado em 1997, morre em uma emboscada a golpes de facão;

O índio Milton Sauba é assassinado em frente ao seu filho no dia 2 de janeiro de 2002;

Seis meses depois, Raimundo Sota é morto em uma tocaia. Três dias antes, o também Pataxó Carlos Trajano é azevado por 15 tiros, mas sobrevive.

Fonte: Conselho Missionário Indigenista